

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: ~~X~~ 556

Título: "OS RUIDOS DO BOSQUE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): KOROLENKO, VLADIMIRO

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 16/9/1976

Data de Emissão: 27/9/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
EDUARDO JACQUES	JOVEM
ASSIS PACHECO	VELHO
IVARELA SILVA	FIDALGO
JOSÉ GOMES	ROMAN
ANTÓNIO MONTEZ	OPANAS
MANUELA MACHADO	OXANA
CARLOS ROSA	BOGDAN
ADELAIDE JOÃO	MOTRIA

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

1000

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- DIA ARTÍSTICA - CARMEN DOLORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

MINI - TEATRO

3

OS RUIDOS DO BOSQUE

Um conto de

VLADIMIRO KOROLENKO

Numa adaptação de

LUÍS PINHÃO

Personagens

JOVEM - Eduardo Jacques
VELHO - Auri Pacheco
FIDALGO - Jussela Silva
ROMAN - José Gomes
OPANAS - Antônio Quentez
OXANA - Manuela Machado
BOGDAN - Carlos Rosa
MOTRIA - Adelaide João

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA N.º 195

DATA DE ENTRADA 16/9/76

PEDIDO DE GRAVAÇÃO

A GRAVAR EM 27/9/76

HORA 10:30

NÚMERO DO PLOMO
DE GRAVAÇÃO

PROGRAMA

EMISSÃO DE

HORAS

VISTO

original

Vladimiro Korolenko (Vladimiro Galaktionovich Korolenko), escritor russo de origem ucraniana, nasceu em Jitomir em 1853 e faleceu em Poltava em 1921. Por motivos políticos passou dez anos exilado em Permet, na Sibéria oriental (1875-1885). Depois do indulto fixa-se em Niji Novgorod, onde publica a sua primeira obra - "O Sonho de Makar", que fez incidir, imediatamente, sobre si as atenções dos meios literários e do público russo. O seu poema em prosa "O Músico Cego", escrito em 1889, é das obras que maior reputação lhe grangearam. É porém uma autobiografia o seu mais notável trabalho. Foi um novelista de extraordinários recursos. A obra deste grande escritor é toda ela, caracterizada por funda penetração psicológica, fina sensibilidade e elevada intenção moral. Korolenko pode considerar-se um dos gigantes da literatura mundial. A singeleza do seu estilo, o poder de emoção que transmite e a sua sede de justiça estão bem patentes em "Os Ruídos do Bosque". Esta novela, como a maior parte das novelas de Korolenko, é uma autêntica obra-prima. Nela está representada a Rússia do seu tempo de uma forma leve, mas que não deixa de ser incisiva. À parte as relações entre os homens postas na boca de um velho, o descritivo da floresta é admirável. Pelo desenrolar da acção, que se sente verdadeira, se vê quanto o homem pode transformar os factos em lendas. Nessa Rússia feudal, como em todos os países de então, imperavam senhores que resolviam a seu belo prazer a vida dos outros. Isto contado por qualquer narrador vulgar não passaria de um simples episódio. Vai mais longe, muito mais longe mesmo, o novelista de "O Dia de Juízo"; transformou a sua história num símbolo admirável. Korolenko dedicou-se também ao jornalismo. Dirigiu um jornal, o "Russkoe Bogatstvo". Morreu, este extraordinário génio das letras russas, mas a sua obra, traduzida em quase todas as línguas, não perecerá.

A MÚSICA INICIAL FUNDE-SE COM UM FORTE TEMPORAL: CHUVA, RAJADAS DE VENTO, TROVOES, ETC. - UM TEMPO - LENTAMENTE PASSA TUDO A UM PLANO MUITO AFASTADO, ENQUANTO VAI SURGINDO EM PRIMEIRO PLANO UM TROTE DE CAVALO - UM TEMPO - UM TROVÃO AO LONGE

JOVEM - FALANDO CONSIGO

A tempestade aproxima-se... Embora não possa ver o céu, adivinho pela obscuridade do bosque que lá no cimo se vão amontoando grossas nuvens... (O CAVALO RELINCHA - ALTO) Também tu, meu velho, estás inquieto... Tens razão! O caso não é para menos... A hora é já bastante avançada. ~~Alguns raios de sol perfuram a espessa folhagem, mas,~~ sobre as árvores desce já o escuro... (UM TROVÃO MAIS PRÓXIMO - O CAVALO RELINCHA) Vá! Apressa um pouco o passo, meu velho. Já se vêem, através das árvores, as paredes brancas da cabana habitada pelos dois guardas do bosque... (UM TEMPO - OUVI-SE O LADRAR DUM CÃO) Mas não devem estar em casa, visto que ninguém saiu ao nosso encontro, apesar dos latidos do enorme cão... Apenas o avô, ~~velho anão de cabeça calva e bigodes brancos,~~ permanece sentado no limiar da choça... (CONSIGO) Pobre velho! É débil, muito débil; não vê quase nada e as suas mãos tremem sempre... (UM TEMPO - O CAVALO PÁRA E RELINCHA - DANDO-LHE PALMADAS AMIGÁVEIS) Então, tem calma... Em breve serás abrigado!... (PASSOS NO SAIBRO) Boas tardes, avô! Estás alguém em casa?

VELHO

Eh!... Não está nem Zajar, nem Máximo. Motria foi também ao bosque buscar a vaca... A vaca perdeu-se com certeza. Talvez a tenham devorado os ursos... Não, não está ninguém...

JOVEM

Não importa! Espero, e faço-te companhia.

VELHO

Bem, se queres...

JOVEM

Não tenho outra alternativa, avô! Avizinha-se a tempestade...

VELHO

Eh!... O bosque está agitado, hem?... Há sempre ruído no bosque, um ruído regular, surdo, como o eco de campainhas longínquas; tranquilo e vago, como uma doce romanza sem palavras, como uma recordação do passado. Sim, há sempre ruído no bosque - sabes porquê? -, porque é velho, muito velho, e nunca foi tocado pela acha dos lenhadores. Os altos pinheiros seculares, com os seus troncos poderosos, erguem-se como um exército sombrio, estreitando as suas copas verdes em

abóbadas espessas... Sim, há sempre ruído no bosque...

JOVEM

Ora... sendo inútil pensar em caçar, resumi as minhas aspirações à possibilidade de chegar, antes do furacão, a um abrigo qualquer onde pudesse passar a noite. Quando reparei que estava próximo da casa habitada pelos guardas do bosque, companheiros habituais das minhas excursões de caça, resolvi pedir-lhes asilo.

VELHO

Fizeste bem! Mas... quem és tu, moço?

JOVEM

Eu?!

VELHO

Sim, tu!

JOVEM

Cada vez que venho até cá, fazes-me sempre a mesma pergunta, avô.

VELHO

Ah! agora sim; sim, já me lembro. A minha pobre cabeça não conserva muito a memória das coisas... É como um passador... Dos que morreram há muito tempo, lembro-me eu bem, mas a gente nova esqueço-a sempre. Porque, bem vês, já vivo há tanto tempo neste mundo...

JOVEM

Há muito que vives nele, dizes?

VELHO

Sim, há muito! Já cá andava no tempo em que os franceses vieram aqui para combater o nosso imperador.

JOVEM

Então, podes contar alguma coisa! Viste muito, podes contar muito!...

VELHO

Eu? Mas o que pude eu ver? Nada, a não ser o bosque. Há sempre ruído nele; noite e dia, inverno ou verão. Como essas árvores, passei aqui toda a minha vida e nunca pensei em mais nada. Chegou a hora de morrer; mas, às vezes, quando começo a pensar, pergunto a mim mesmo se vivi verdadeiramente, ou não. Talvez nunca tenha vivido... (AS PERNADAS DOS PINHEIROS AGITAM-SE AO IMPULSO DO VENTO - O

RUÍDO DO BOSQUE TORNA-SE MAIS FORTE - O CAVALO RELINCHA) A tempestade aproxima-se. Bem a conheço! Sim, sim, bem sei! Quando o furacão se põe a grunhir, a puxar pelos pinheiros, a desenraizá-los da terra... até me dá calafrios. É o "demônio da selva" que se enfurece.

JOVEM

Como sabes tu isso, avô?

VELHO

Oh, isso... sei-o e muito bem! Entendo a linguagem das árvores. Porque - repara! - as árvores também têm medo. Por exemplo, o álamo dos Alpes, essa árvore maldita... não pára de gemer. Treme quando há vento. O pinheiro também: quando está bom tempo canta docemente, mas quando faz vento, e este começa a soprar, põe-se a gemer lúgubrememente. Escuta! Eu vejo mal, mas tenho bom ouvido. Agora é o carvalho que começa a queixar-se. O "demônio da selva" ataca os carvalhos... É sempre assim antes da tempestade! Estás a ouvir, rapaz?

JOVEM

Com efeito, o grupo de carvalhos que se vê no meio da clareira, defendidos pela muralha do bosque, sacodem os seus ramos potentes e fazem um ruído surdo que se pode distinguir facilmente do dos pinheiros.

VELHO

É isso mesmo!... Eu sei muito bem!... Quando os carvalhos começam a agitar-se, é garantido que há noite virá o "demônio do bosque", puxando por eles para os desfazer. Mas nem o próprio "demônio" pode nada contra o carvalho; é demasiado sólido.

JOVEM

De que demônio falas tu, avô? Não disseste tu mesmo já, que é o furacão que os destroça?

VELHO

Ah, sim, já ouvi dizer isso! Também me disseram que há pessoas que não acreditam em coisa alguma. É fantástico! E, no entanto, eu vi-o, como te vejo agora a ti, ou melhor ainda: porque agora os meus olhos não valem grande coisa, ao passo que então, eram ainda jovens. Que bem que viam os meus olhos, quando eu era jovem!

JOVEM

Mas como o viste tu, avô?

VELHO

Foi num dia como o de hoje; primeiro, os pinheiros começaram a gemer: O-oh-oh! O-oh-oh! E cada vez mais lastimosa e doridamente. Os pinheiros sabiam que naquela noite o "demônio" ia atirar muitos por terra... Depois, ao anoitecer, os carvalhos começaram a agitar-se. E, quando a noite desceu, "ele" aí estava, percorrendo o bosque em todas as direcções, ora rindo, ora chorando de raiva, atacando furiosamente os carvalhos e dançando em volta das árvores... Uma vez - foi no Outono - olhei pela janela quando "ele" estava no bosque. Oh!, que furioso se pôs quando viu que eu olhava! Aproximou-se da janela e atirou-me para cima um tronco de pinheiro. Por pouco me não feriu na cara; diabos o levem! Mas eu não era tão tonto como isso; quando o vi aproximar-se, escapei-me, pois então! Que furioso ele estava, rapaz!

JOVEM

Como é ele?

VELHO

Como um velho salgueiro que cresce no pântano. Parece-se muito com ele. Os seus cabelos são como as folhas; as barbas também; o seu nariz, como um ramo curvo... Safa, que feio é! Não desejaria a nenhum cristão que se parecesse com ele, palavra de honra!... Noutra ocasião vi-o no pântano, muito de perto. Se queres, vem um dia de inverno, talvez o vejas também. Sobe a esta montanha que fica aqui por trás e trepa a uma árvore alta. Às vezes, pode ver-se dali. Aproxima-se como uma coluna de fumo branco por cima do bosque, e girando em volta de si mesmo, desce da montanha até ao vale. Dá algumas voltas a correr, e depois desaparece no bosque. Durante a sua caminhada cobre com neve as suas pegadas que vai deixando atrás. Se me acreditas, vem vê-lo tu mesmo.

JOVEM

E é que venho mesmo... Posso lá perder uma coisa dessas... Aguçaste-me a curiosidade.

VELHO - MISTERIOSO

Sabes o que te digo? O "demônio do bosque" é muito feio; um bom cristão não deve nem sequer olhar para semelhante criatura; mas devemos ser justos: não faz mal a ninguém. Às vezes prega a sua partida; mas o homem não tem razão para se queixar dele.

JOVEM

Seja, avô, mas pelo que tu mesmo disseste ele, uma vez, quis magoar-te na cara.

VELHO

Sim, é verdade, mas isso foi porque o enraiveceu muito que eu estivesse a vê-lo da janela. Mas se alguém se não mete nos seus assuntos, nunca fará o menor dano. "Ele" é assim! E, no entanto, aqui no bosque, os homens fizeram coisas muito mais horrorosas; podes acreditar-me.

JOVEM

Os homens fizeram coisas muito mais horrorosas, dizes tu...

VELHO

Vou contar-te, rapaz, uma história que aconteceu aqui mesmo neste bosque. Há muito, muito tempo... Lembro-me dela como dum sonho vago; mas quando o bosque começa a agitar-se, a minha memória torna-se mais clara...

JOVEM

Como se a agitação do bosque e o furacão suspenso no ar, te reanimassem o velho sangue...

VELHO

É isso mesmo!... Queres que te conte a história?

JOVEM

Sim, sim, avô! Com muito gosto!

VELHO

Pois seja! Escuta... Tenho que te dizer que os meus pais morreram quando eu era ainda muito pequeno. Deixaram-me completamente só neste vasto mundo. Triste situação! O nosso município não sabia o que fazer de mim, e o fidalgo, o senhor todo poderoso destas terras, também não. Ora, por essa altura, veio do bosque à aldeia o guarda-florestal Román, e disse aos do Conselho que tomava conta de mim, pois se aborrecia de viver sózinho no bosque... e trouxe-me para sua casa. Desde então tenho vivido sempre aqui. Román foi quem me educou. Era um homem terrível, Deus me perdoe. Enorme, com olhos negros e a alma também negra; tinha passado toda a vida, só, no bosque. A gente dizia que os ursos eram como irmãos dele, e os lobos seus sobrinhos. Conhecia todas as feras e não as temia; mas fugia dos homens e nem sequer os olhava... Era assim aquele Román! Quando me olhava eu tinha a sensação de que um gato me passava a cauda pelo pescoço. No entanto, não era mau, e dava-me bastante de comer; às vezes até me assava patos. Sim, quanto a isso, não tinha de que me queixar! Assim vivíamos os dois. Quando Román ia para o bosque deixava-me em casa fechado à chave, com medo que as feras me devorassem... Até que veio viver connosco uma mulher... Foi o fidalgo quem lha deu. Quando me lembro dele, quero crer que não há hoje senhores semelhantes

Não, não os há! Por exemplo tu: dizem que és de origem nobre; talvez seja verdade mas nada há de senhorial em ti... Um bom rapaz e nada mais. Mas o outro, este de que te estou falando, era um verdadeiro senhor à moda antiga. O mundo é assim: centenas de homens têm medo dum único, e que medo! Compara um gavião a um frango: ambos saíram dum óvo; mas o gavião voa até ao céu, e quando grita, não só os frangos mas até os galos começam a tremer. Pois bem, o gavião é um pássaro senhorial, e o frango é um simples camponês. Lembro-me ainda de quando era pequeno; uns camponeses, trinta homens pelo menos, transportavam em carros grandes vigas; pelo mesmo caminho passava o senhor, montado no seu cavalo, acariciando o bigode. Ao vê-lo, os aldeãos assustaram-se, fustigaram os seus cavalos para que deixassem o caminho livre e encostaram os carros a um lado, na fundura da neve. Depois passaram grandes trabalhos para tirarem os carros de lá. E o senhor passava tranquilamente pelo largo caminho, perfeitamente à vontade. Deus meu, como era severo! Os "mujiks" tremiam ante o seu olhar. Quando ele ria, toda a gente ficava contente; quando ele carregava o sobrolho, tudo em redor se tornava sombrio. Não havia ninguém que se atrevesse a contrariá-lo. Mas Román, que tinha passado toda a vida no bosque, não compreendia estas coisas e o senhor perdoava-lhe muito. Um dia o fidalgo chamou-o a sua casa... (GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - OS RUÍDOS DO BOSQUE DESAPARECERAM)

FIDALGO

Sim, Román, quero que te cases!

ROMÁN

Para quê? Que se case o diabo que eu não quero.

FIDALGO

Não queres?!

ROMÁN

Não, não quero! Não sinto a mínima falta duma mulher lá no bosque, tanto mais que já tenho em casa um filho.

FIDALGO

Casa-te, Román!

ROMÁN

Não estou acostumado a mulheres e não as quero!

FIDALGO

Faze o que te digo, idiota!

ROMÁN

Não quero nenhuma mulher em minha casa! Não gosto que nenhuma mulher durma comigo, porque cheiram mal...

FIDALGO

Mas quero eu que te cases! Não me perguntes porquê. Casa-te com Oxana, Román!

ROMÁN

Não quero, já disse! Não preciso dela. Que se case o diabo com ela, que eu não quero!

FIDALGO

Ah, sim?!... Nesse caso... (ALTO) Trazei as vergastas!... Agarraí esse casmurro e deitai-o no chão!... (RUÍDO DE LUTA - OUTRO TOM) Queres casar-te?

ROMÁN

Não!

FIDALGO

Está bem!... (ALTO) Arrancaí-lhe as calças!... Dai-lhe umas vergastadas valentes no rabo... (RUÍDO DAS VERGASTADAS E GEMIDOS DE ROMÁN)

ROMÁN

Deixaí-me! Que o diabo leve essa mulher!

FIDALGO

Casas-te?

ROMÁN

Já disse que não!

FIDALGO

Dai-lhe mais vergastadas, mas das boas!... (RUÍDO DAS VERGASTADAS E GEMIDOS DE ROMÁN)

ROMÁN

Paraí!... Nenhuma mulher vale que se sofra tanto por causa dela.

FIDALGO

Casas-te?

ROMÁN

Está bem, caso-me! (PASSOS APRESSADOS NO LAJEDO)

OPANAS - OFEGANTE

Senhor!

FIDALGO

Que queres tu, Opanas?

OPANAS

Voltava precisamente da caça quando soube do que se passava...

FIDALGO

E depois?

OPANAS

Em vez de martirizar esse homem, senhor, permite-me que seja eu a casar com Oxana.

FIDALGO

O quê?!

OPANAS

De joelhos e beijando-vos a mão, vos peço...

ROMÁN

Isto vai bem! Podias ter chegado um pouco mais cedo, Opanas Schvidky! Vamos, senhor, estáveis equivocado, devíeis primeiro ter perguntado se havia alguém que quisesse casar-se de livre vontade. Mas em vez disso, mandais desancar um pobre homem. Os bons cristãos não procedem assim...

FIDALGO - NUMA IRA MAL CONTIDA

Quero fazer a tua felicidade, grande animal! Agora estás só no bosque e eu não tenho nenhum desejo de ir a tua casa... (EXPLODINDO) Dai-lhe outras tantas vergastadas até que se canse. E tu, Opanas, vai para o inferno! Ninguém te convidou e não tens portanto o direito de te sentares à mesa; mas se estás muito interessado, mando-te servir o mesmo prato que está à ser servido a Román. (RUÍDO DAS VERGASTADAS E GEMIDOS DE ROMÁN)

ROMAN

Acabei lá com isso! (PARAM AS VERGASTADAS) Seria demasiada honra para essa mal-

dita Oxana que por sua causa dessem mais açoites a um cristão! Eu não sou nenhuma besta de carga para que me tratem assim!

FIDALGO

Casas-te?

ROMÁN

Já que tem de ser, bem: caso-me!

FIDALGO - RINDO ÀS GARGALHADAS

Até que enfim, te tornaste razoável! A verdade é que não te poderás sentar junto da noiva no dia da boda; mas em contrapartida hás-de poder dançar. (AS GARGALHADAS DO FIDALGO FUNDEM-SE COM UM GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - VOLTA NOVAMENTE O RUÍDO DO BOSQUE COM A TEMPESTADE EM FUNDO)

VELHO

Gostava de pregar partidas o nosso fidalgo. Mas teve um fim triste. Que Deus livre todos os homens cristãos dum fim semelhante! Não, eu não o desejaria a ninguém, nem mesmo a um judeu!... Assim um dia Román se viu casado. Nos primeiros tempos não fazia senão ralhar-lhe, deitando-lhe em cara as vergastadas que tinha recebido por sua causa; e sempre que voltava do bosque, começava por querer expulsá-la de casa. Mas depois, a pouco e pouco, foi-se habituando. Oxana punha a casa em ordem, varria, lavava, tudo andava limpo e arrumado. Román sentia-se contente e já não ralhava. Não só se reconciliou com ela, mas começou a amá-la. Palavra de honra! Até ele próprio se admirou. Passaram semanas e meses. Um dia vi que Oxana se sentou num banco e começou a gemer. Pela noite sentiu-se muito mal. No dia seguinte de manhã com grande surpresa minha, ouvi o choro dum criança. "Toma! Já temos uma criança em casa!", disse a mim próprio. E não me enganava. Porém, a criança não viveu muito tempo: até à noite, mais nada. Quando anoiteceu, já não se ouvia. Oxana começou a chorar. Meu Deus, o que ela chorou! Román mostrou-se indiferente à perda do menino... (GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - UM CHORO DE MULHER)

ROMÁN

Cala-te, mulher estúpida! Não tens razão para chorar. O menino morreu, mas talvez tenhamos outros, e talvez sejam melhores do que este.

OXANA

Porquê?

ROMÁN

Porque o menino morto, pode ser que não seja meu...

OXANA

Como podes dizer uma coisa dessas?

ROMÁN

Eu não sei nada, mas a gente ouviu muitas coisas... E outro, com certeza que será meu...

OXANA

Maldito! Dizeres uma coisa dessas a mim... Porco imundo!

ROMÁN

Fazes mal em gritar. Eu não afirmo coisa nenhuma; digo apenas que não sei se é meu. Porque, repara bem, dantes não eras minha nem vivias no bosque, mas entre os outros. Posso lá saber o que se passou? Agora que estás aqui comigo, sinto-me mais seguro; mas antes... Esta manhã, quando fui à aldeia, uma mulher disse-me: "Que depressa que fizeste um filho!" Compreendes?...

OXANA

Não, eu não compreendo nada!... Não quero compreender nada...

ROMÁN

Basta de chorar e de gritar! Pronto, acabou-se! Já não temos o menino! Mas não vale a pena chamar um padre, nós mesmos o enterraremos debaixo dum pinheiro.
(GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - VOLTA O RUÍDO DO BOSQUE E A TEMPESTADE)

VELHO

Román atreveu-se a dizer isto! E não apenas a dizê-lo, mas a fazê-lo; fez uma cova e enterrou o menino. Vês aquele velho tronco, acolá? São os restos dum pinheiro que foi abrasado por um raio. Foi ali precisamente que Román enterrou a criança. E ouve o que te vou dizer, rapaz: quando se põe o sol e aparece no céu a primeira estrela, um passarito voa por cima daquele sítio lançando gritos lancinantes. Parte-se-me o coração ao ouvir esses gritos. Pois bem, esse passarito é a alma penada do menino que foi enterrado sem sacramentos, e suplica que se lhe ponha uma cruz. Disseram-me que só um sábio que conheça os livros santos poderá salvar essa alminha em pena; e só então deixará de lançar gritos lancinantes. Nós, os que aqui estamos, não sabemos nada e nada podemos fazer por ela. Quando voa por cima de nós pedindo uma cruz, dizemos-lhe unicamente: "Vai-te, pobre alminha, que nada podemos fazer por ti!" Recomeça a voar, chorando, e volta sempre outra vez. Ah, bom moço, que digna de compaixão é aquela alminha penada! (PAUSA) Oxana esteve muito tempo doente. Quando se restabeleceu um pouco, passava horas inteiras sobre a tumba de seu filho. Oúviam-se no bosque inteiro

os seus lamentos! Quando Román se aproximava, Oxana limpava as lágrimas à pressa e calava-se. Verdade é que às vezes permitia-se responder a Román e até dar-lhe um golpe; mas quando ele se zangava a valer, tinha-lhe medo. Nesses momentos, enchia-o de beijos e carícias; olhava-o com ternura, nos olhos, e Román não tardava a acalmar-se. Tu, bom moço, talvez não compreendas isto, mas eu que já vivi muito, compreendo. E posso garantir-te que as mulheres sabem acariciar de tal jeito, com tal arte, que um homem furioso se torna num autêntico cordeiro. Sim, sim! Já vi mulheres dessas! E Oxana era tão bela que não havia outra igual. (PAUSA - SÓ SE OUVI A TEMPESTADE - UM TEMPO) Uma vez ouviu-se no bosque uma buzina de corno! Todo o bosque se encheu de sons festivos. Eu era então muito pequeno e não compreendia o que aquilo significava. Os pássaros assustados, começaram a voar, cheios de pânico; as lebres deitaram a correr como loucas em todas as direcções. Julguei que fosse alguma fera a rugir. Mas não era nenhuma fera; era o fidalgo que montado no seu cavalo, tocava o corno. Numerosos caçadores, também a cavalo, seguiam-no, conduzindo muitos cães de caça. E o mais formoso era Opanas Schvidky, o primeiro depois do fidalgo. Vestia um traje azul, um "schapka" com franjas douradas, uma magnífica espingarda ao ombro e um alaúde amarrado às costas. O fidalgo gostava muito de Opanas porque tocava alaúde admiravelmente e cantava canções muito bonitas. Além disso era belo. Que belo era! O fidalgo, comparado com Opanas era muito feio: calvo, com o nariz vermelho, os olhos cinzentos nada bonitos. Opanas era um grande conquistador de corações. Até eu mesmo quando o olhava sentia vontade de sorrir; já podes pois imaginar o efeito que produzia nas mulheres. Disseram-me que os pais e avós de Opanas eram cosacos, do sul da Rússia, livres como o vento, e todos galhardos, fortes e belos. É lógico: não se viam obrigados a trabalhar rudemente no bosque como nós, não faziam mais nada senão montar a cavalo e correr, rápidos, pelos campos e estradas, de lança às costas... (PAUSA - SÓ SE OUVI A TEMPESTADE - UM TEMPO) Pois bem; saí e vi o fidalgo e toda a comitiva, que parou diante da casa. Román ajudou o senhor a descer do cavalo e cumprimentou-o. Depois, o senhor, seguido por Opanas e por Román, entrou em casa. Pouco depois, entrou também Bogdan, o fiel servidor do senhor. Já não há também servidores semelhantes; para com os outros criados era extremamente severo, mas para com o fidalgo era dócil como um cão. Só o fidalgo existia para ele. Contaram-me que depois da morte de seus pais Bogdan quis casar-se, mas o pai do fidalgo não o consentiu e fez dele uma espécie de ama de seu filho. "Este é o teu pai, a tua mãe, e a tua mulher - disse-lhe ele -. Cuida bem dele". Bogdan resignou-se; foi criado, ama e mordomo do jovem fidalgo; ensinou-o a montar a cavalo e a atirar com espingarda; depois que o pequeno amo se tornou homem, continuou a servi-lo dócil e fielmente como um cão. E não to quero ocultar: todos os que rodeavam Bogdan, o detestavam e o maldiziam porque fazia muito mal aos pobres. Para contentar o seu senhor, teria sido capaz de matar o próprio pai. Depois, entrei em casa, também: era tão curioso! O fidalgo acariciava o bigode e sorria com ar de satisfação. Román estava a seu

lado. Opanas, encostado à parede, sombrio e pensativo, parecia um jovem castanheiro sob a tempestade. Qualquer dos três olhava para Oxana. Só o velho Bogdan, sentado num canto, esperava ordens do seu senhor. Oxana estava de pé, junto da lareira, com os olhos baixos, muito corada. Dir-se-ia que a pobre tinha o sentimento de que ia acontecer alguma desgraça por causa dela. É sempre o mesmo: quando três homens se interessam por uma mulher, nada pode resultar de bom. Têm que acabar fatalmente em luta. Isto sei eu, que já vi muitas coisas... (GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - EM FUNDO, RUÍDOS DE TEMPESTADE - AMBIENTE INTERIOR)

FIDALGO

Ora, aqui temos Oxana, a jovem esposa... Bem, Román, estás contente com a mulher que te dei?

ROMÁN

Sim, meu fidalgo! Não tenho de que me queixar. Devo dar graças ao senhor que me ensinou a ser razoável. Estou muito contente por possuir Oxana. Mesmo muito contente!

OPANAS - ENTRE DENTES

És demasiado bruto para apreciar uma mulher como Oxana!

ROMÁN

Ora, diga-me, senhor Opanas: Porque lhe pareço eu tão bruto?

OPANAS

Porque nem sabes guardar a tua mulher!

ROMÁN

E de quem tenho que guardar a minha mulher? Das feras, guardo-a eu; diabos, não os há pelo bosque. Do senhor, o nosso fidalgo, que vem por aqui algumas vezes?! Portanto, que tenho eu a temer? Tem cuidado, Opanas, não digas coisas dessas se não queres arrependerte.

FIDALGO

Calai-vos! Não viemos aqui para discutir. Temos que felicitar os jovens esposos e depois, à noite, começará a caçada. Os criados já devem ter preparado tudo para o banquete debaixo das árvores da clareira. Vamos! (PASSOS QUE SE AFASTAM)

OPANAS

Espera, Román!

ROMÁN

Que me queres?

OPANAS

Não te zangues, valente Román! Quando te aborreces, toda a gente tem medo de ti, inclusivé o fidalgo, eu sei! Mas escuta o que te quero dizer: Lembras-te como supliquei de joelhos ao fidalgo que me deixasse casar com Oxana?

ROMÁN

Se me lembro... Deus meu, como fui tonto! Receber tantos açoites, e porquê? Agora compreendo que fazia mal negando-me a casar.

OPANAS

Pois, o fidalgo não consentiu, paciência. Nada se pode contra o destino. Mas... não posso permitir que o nosso comum inimigo, o fidalgo, troce dela e de ti. Não, não o posso consentir! Estou disposto a tudo, Román! A tudo! Tu ainda não conheces bem Opanas. Antes que Oxana caia nos braços desse miserável, matá-los-ei aos dois. Que a sepultura lhes sirva de leito!...

ROMÁN

Dize-me, Opanas, não serás louco?

OPANAS

Louco serás tu, se duvidares do que eu digo!

ROMÁN

Ah, que se for verdade!...

OPANAS

Dentro em pouco terás a confirmação.

ROMÁN

Como, se estou em casa?

OPANAS

O fidalgo tratará de te afastar.

ROMÁN

Pois bem, se é verdade o que acabas de me dizer, o nosso fidalgo vai pagá-lo bem caro... Ah, meu amigo! Como a gente é má! Em que vivi sempre aqui no bosque, nem sequer o suspeitava.

OPANAS

Bom, agora separemo-nos e procede como se nada soubesses. Sobretudo, que esse velho ascoroso do Bogdan de nada desconfie. Tu és esperto, mas esse cão tem um farol! E não bebas da vodka do fidalgo!

ROMÁN

Porquê?

OPANAS

Porque é deliciosa.

ROMÁN

Mais uma razão para aproveitar.

OPANAS

Sim, é deliciosa... mas...

ROMÁN

Acaba!

OPANAS

Depois do primeiro copo, sente-se uma alma nova; depois do segundo, o paraíso abre-se diante de qualquer mortal, e, se esse mortal não está habituado a beber, ao terceiro copo cai por terra.

ROMÁN

É muito engraçado, o fidalgo! Querer emborrachar Román com a sua vodka; mas Román tem uma cabeça firme e nenhuma vodka do mundo será capaz de lhe roubar a razão.

OPANAS

E se ele te quiser mandar caçar, para ficar só na choça, leva os caçadores até ao sobreiro velho, diz-lhes que avancem sòzinhos e que te irás juntar a eles por outro caminho mais curto. Em seguida, voltas aqui.

ROMÁN

Bem, hoje vou abater uma bela peça. Vou carregar a espingarda com as balas que emprego na caça ao urso. (PASSOS QUE SE AFASTAM - A TEMPESTADE AUMENTA)

FIDALGO

Eh, Román! Vem cá!

ROMÁN

Senhor!

FIDALGO

Bebe um copo de vodka. (ENCHER DE COPO)

ROMÁN

Obrigado, fidalgo! (BEBE) Ah!...

FIDALGO

Vai outro?... (ENCHER DE COPO)

ROMÁN

Então, cá vai!... (BEBE)

FIDALGO

Vá lá mais um! (ENCHER DE COPO)

ROMÁN

E porque não?... À sua, meu fidalgo!... (BEBE) Ah!...

FIDALGO

És o diabo! Dir-se-ia que bebes todos os dias vodka em vez de água... Apenas os teus olhos brilham mais que o costume; como os de um lobo... Outro no teu lugar, já teria lágrimas nos olhos, e tu sorris...

ROMÁN

O fidalgo sabe muito bem que se alguém começa a chorar depois de ter bebido, não tarda a cair como morto... Além disso, não tenho motivos para chorar. O nosso fidalgo veio felicitar-me e eu seria o último dos canalhas se começasse a chorar como uma velha. Graças a Deus, não tenho razões para chorar. Prefiro que sejam os meus inimigos a verter lágrimas.

FIDALGO

Então, vives satisfeito?

ROMÁN

E porque não havia de viver satisfeito?

FIDALGO

Lembras-te dos açoites que tive de te dar para que te casasses?

ROMAN

Nessa altura era um parvo e não sabia o que era amargo nem o que era doce. O açoite era amargo e, no entanto, preferia-o a esta mulher! Hoje, dou-vos graças, bondoso fidalgo, por me teres ensinado a apreciar o mel.

FIDALGO

Bem, bem! Para melhor mo agradeceres, irás com os meus caçadores e trar-me-às muita caça. (RI ALVARMENTE - COMEÇO DE BEBEDEIRA)

OPANAS - BAIXO

Eu não te dizia, Román?

ROMÁN - BAIXO

Tinhas razão!... (ALTO) Quando quereis que partamos, senhor?

FIDALGO

Vamos beber mais um pouco! Opanas vai cantar-nos alguma coisa e depois partiremos.

ROMÁN

Isso vai ser difícil; faz-se tarde e o pântano está muito longe daqui... Além disso, o ruído do bosque anuncia tempestade, e com este tempo é difícil caçar.

OPANAS

Román tem razão: o tempo mostra má cara.

FIDALGO - NUM BERRO

Irra! Quem manda sou eu!...

ROMÁN - BAIXO

O fidalgo está já um pouco borracho, e, quando está assim, aborrece-se facilmente.

OPANAS - BAIXO

Serei então o único que não tem medo do fidalgo?

FIDALGO

Tende cuidado! Não provoquais a minha ira!... (SOAM UNS ACORDES DE ALAUDE)

OPANAS

Reflecte bem, meu senhor; não se manda ninguém caçar quando sopra a tempestade;

e sobretudo à noite.

FIDALGO

Escuta, Opanas! És demasiado inteligente para compreender que ninguém pode meter o nariz numa porta já aberta.

OPANAS

Tens razão! Compreendo perfeitamente o que queres dizer... Para te agradecer a lição que acabas de me dar, vou cantar-te alguma coisa. Escuta! (NOVO ACORDE DE ALAÚDE QUE SE FUNDE COM GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - EM FUNDO, TANTO NA CENA ANTERIOR COMO NA QUE SE SEGUE, A TEMPESTADE E OS RUÍDOS DO BOSQUE)

VELHO

Se o fidalgo tivesse compreendido a canção do cossaco, a mulher dele não teria certamente de verter lágrimas sobre a sua sepultura. Opanas fez vibrar as cordas do seu alaúde. Levantou a cabeça, olhou para a água que sobrevoava o bosque e contemplou as nuvens empurradas pelo vento; escutou o gemido dos altos pinheiros e de novo fez soar as cordas do seu alaúde. Ah, bom moço, tu não tiveste a dita de ouvir tocar Opanas, e já não a podes ter. O alaúde não é um instrumento muito complicado; mas quando se sabe manejar, fala com uma voz eloquente. Bastava que Opanas lhe tocasse com as mãos, e ele dizia tudo: como se agita o bosque debaixo da tempestade, como o vento sacode a erva seca, e como choram os salgueiros sobre a tumba dum cossaco. Não, bom moço, vocês não ouvirão jamais uma música como aquela! Chegam para estes lados, com frequência, pessoas que viram alguma coisa, que passaram por Kiev, Poltava, e por toda a Ucrânia, e todos garantem que já não há bons tocadores de alaúde. O próprio Opanas me ensinou a tocá-lo. Mas quando eu morrer, o que já não tarda muito, em nenhuma parte do mundo se saberá tocar bem alaúde. (PAUSA - SÓ SE OUVI A TEMPESTADE - UM TEMPO) Opanas pôs-se a cantar uma canção, acompanhando-se ao alaúde. A sua voz era doce e melancólica e penetrava directamente nos corações. Nessa canção dizia ele ao fidalgo, toda a verdade, tudo o que iria acontecer. O fidalgo ao ouvi-la chorava, mas, provavelmente, não entendeu o seu significado. Lembro-me várias vezes dessa canção. Nela, Opanas dizia ao fidalgo que o gavião era mais forte do que o corvo, mas que, às vezes, acontecia o contrário; pois, quando o gavião atacava o ninho do corvo, e este se defendia, era o corvo o mais forte! Lembro-me de tudo isto como se tivesse sido ontem: o cossaco com o seu alaúde, de pé, junto duma árvore; o fidalgo sentado sobre um tapete com a cabeça baixa e lágrimas nos olhos; os criados emocionados, dando-se cotoveladas uns aos outros; o velho Bogdan abanando a cabeça. O próprio Opanas estava comovido com a sua canção. O bosque agitava-se como agora; o alaúde lançava sons plangentes, e Opanas cantava agora, na sua canção, como a mulher do fidalgo havia de chorar sobre a sua tumba. Mas o senhor

não compreendeu a canção. (GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - A TEMPESTADE EM FUNDO)

FIDALGO - UM POUCO ENTARAMELADO

Eh, Román, em marcha! Monta todos a cavalo! Tu, Opanas, irás com eles; já estou farto das tuas canções! É muito linda essa tua canção, mas o que contas nela, nunca pode acontecer.

OPANAS

Não, meu senhor! Os nossos antepassados acreditavam que as canções dizem sempre a verdade, como nos contos; mas a verdade contida nos contos é como o ferro, que à força de passar de mão em mão, se cobre de ferrugem; enquanto que a verdade das canções é como o ouro, que não cria ferrugem. Foi isto que me ensinaram os mais velhos que eu!

FIDALGO

Talvez seja verdade, lá na vossa terra, mas aqui... Basta de conversas! Desaparece, Opanas!

OPANAS

Escuta-me, senhor! Monta a cavalo e volta para casa, para junto da tua mulher. O coração diz-me que vai acontecer uma grande desgraça.

FIDALGO - IRACUNDO

Deixa-me em paz! Vai-te! Pareces uma velha carpideira e não um cossaco! Vai-te, ou não respondo por mim! E vós, porque continuais aqui? Ou será que já não sou o vosso amo? Tende cuidado, se me zango deveras!...

OPANAS

Que o próprio diabo diga a verdade àquele que não quer escutar bons conselhos! Tu, fidalgo, não quiseste acreditar num servidor fiel... Pior para ti! Vamos!... (O RUÍDO DOS CAVALOS QUE SE AFASTAM FUNDE-SE COM UM GOLPE MUSICAL - UM TEMPO)

VELHO

Em poucos minutos toda a gente tinha desaparecido a caminho do bosque. Não ficou ali ninguém além do fidalgo que entrou logo em casa; o cavalo dele ficou atado a uma árvore. Pouco a pouco desciam as trevas da noite. A chuva começou a cair. Oxana deitou-me na palha, e obrigou-me a fazer o sinal da cruz. Vi que chovia. Eu era demasiado criança, e não compreendia nada do que se passava à minha volta. Depressa adormeci, debaixo do ruído monótono da tempestade. (A TEMPESTADE VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - A TEMPESTADE PASSA A SEGUNDO PLANO - UM TEMPO) Subitamente acordei... Percebi que alguém rondava a casa. (PRESENÇA

DE ALGUÉM NO EXTERIOR) Aproximou-se da árvore e desatou o cavalo, que começou a cavar a terra com a pata, e, a relinchar, fugiu para o bosque. (RELINCHO, SEGUINDO DUM TROTE QUE SE AFASTA) Depois voltei a ouvir alguém, a cavalo, que se acercava também da casa. (TROTE QUE SE APROXIMA) Chegou até à porta e saltou para terra. (PANCADAS NA PORTA)

BOGDAN - EM 2º. PLANO

Senhor! Sou eu, Bogdan! Senhor, abre imediatamente. Esse maldito Opanas trama qualquer coisa contra ti! Desatou o teu cavalo que fugiu para o bosque!...Apresssa... (LONGO GEMIDO E QUEDA DUM CORPO, EM SEGUNDO PLANO - PASSOS APRESSADOS E ABRIR DE PORTA, EM PRIMEIRO PLANO)

FIDALGO

Que se passa, Bogdan?... (LUTANDO) O que é isto?!... Ah, cão!... Larga-me!... Larga-me, Román!...

ROMÁN - MANIATANDO O FIDALGO

Lamento muito, mas não posso fazer a vontade a sua senhoria.

FIDALGO

Pois, tu atreveste, Román?! Ousas contra o teu senhor?! Larga-me, já disse!

ROMÁN

Já não recebo ordens tuas! Tu, sim, é que recibes ordens minhas!

FIDALGO

É assim que me agradeces o bem que te tenho feito?

ROMÁN

Sim, canalha! Lembro-me perfeitamente do que fizeste por mim e por minha mulher, e agora vou-to pagar.

FIDALGO

Miserável!... Defende-me, Opanas, meu fiel servidor.

OPANAS

E porque é que te hei-de defender?

FIDALGO

Sempre me amaste como um filho!

OPANAS

Escorraçaste-me como a um cão! É verdade que gostaste de mim... como o pau gosta das costas em que bate... Roguei-te, supliquei-te e não fizeste caso de mim. O mesmo faço eu agora: deixo-te à mercê de Román...

FIDALGO

Oxana!... Oxana, tu, que tens tão bom coração, defende-me!

OXANA

Também eu te roguei, e me arrastei a teus pés, suplicando-te que não me desonrasses, que não me cobrisses de vergonha. E tu foste implacável. Que posso eu fazer por ti, desgraçada de mim?

FIDALGO - DESESPERADO

Deixai-me! Senão, hão-de morrer todos desterrados na Sibéria.

OPANAS

Nada receies por nós. Román estará no pântano antes dos teus caçadores, e eu, estou só no mundo e não tenho medo de ninguém. Quando ainda era muito pequeno um velho músico trouxe-me da Ucrânia para aqui. Havia guerra na Ucrânia nessa altura; ao velho cossaco que caiu prisioneiro, arrancaram-lhe os olhos, cortaram-lhe as orelhas e disseram-lhe: "Podes ir para onde quiseres". Como o pobre não podia ver, andava acompanhado por uma criança que era eu. Portanto, não tenho ninguém. Sou um cossaco livre. Com a minha espingarda ao ombro irei por esses bosques. Organizarei uma quadrilha de rapazes valentes como eu, e, os ricos que tenham cautela! Percorreremos os caminhos em busca dos seus despojos e se o acaso nos levar a qualquer aldeia, não deixaremos de visitar o castelo senhorial... Eh, Román, vamos pôr sua Senhora debaixo da chuva... para se refrescar um pouco!...

FIDALGO

Miseráveis!... Vingar-me-ei!...

ROMÁN

Não terás tempo para isso...

FIDALGO

Cães!... Miseráveis!... Deixai-me!... Malditos!... Canalhas!... (ESTA FALA VAI-SE AFASTANDO ATÉ DESAPARECER - A TEMPESTADE, EM PRIMEIRO PLANO, TORNA-SE MAIS VIOLENTA;- UM TEMPO - A TEMPESTADE VOLTA A SEGUNDO PLANO)

VELHO

Cheio de pasmo, eu tinha-me atirado para cima de Oxana que permanecia sentada num banco no interior da casa, branca como a neve, e chorando. A tempestade tornou-se muito mais violenta. O bosque gritava com mil vozes; o vento soprava enraivecido. De vez em quando ouvia-se o trovão. Eu e Oxana, apertados um contra o outro, continuávamos sentados, imobilizados pelo terror. De súbito ouvimos um gemido no bosque. (OUVE-SE UM GEMIDO DOLOROSO QUE O ECO REPERCUTE) Era tão doloroso que ainda hoje, passados tantos anos, se me oprime o coração quando penso nele. (INFANTIL) Oxana querida, que geme tão dolorosamente no bosque? (NATURAL) Perguntei-lhe. Apertou-me nos seus braços e embalando-me como a um menino de colo, disse-me...

OXANA - O ECO REPERCUTE ESTA FALA

Dorme, meu filho, não é nada... É o ruído do bosque...

VELHO

Era verdade, o bosque estava muito agitado. Passados poucos instantes ouvi um tiro. (UMA ESPINGARDADA SOBRESSAI DA TEMPESTADE - UM TEMPO - INFANTIL) Oxana querida, quem é que está a disparar? (NATURAL) Respondeu-me sem parar de me embalar...

OXANA - O ECO REPERCUTE ESTA FALA

Cala-te, meu filho; é o trovão de Deus!...

VELHO

E a pobre mulher apertava-me contra o seu coração, chorava lágrimas ardentes e não se cansava de repetir...

OXANA - COMO ACIMA

É o ruído do bosque, meu filho!... É o ruído do bosque... (PAUSA)

VELHO

No dia seguinte de manhã, abri os olhos e vi que o sol inundava tudo. Oxana dormia, vestida, sobre o banco. Não havia ninguém em casa. Lembrei-me do que se tinha passado na véspera e comecei a julgar que se tratava dum pesadelo. Mas aquilo não tinha sido um sonho, mas a pura realidade! Saí para o bosque. A erva brilhava, os pássaros cantavam. De repente, vi numa moita dois corpos: o do fidalgo e o do velho Bogdan, um junto do outro. O rosto do primeiro estava sereno e pálido; o do segundo, severo, como quando vivia. Ambos tinham manchas de sangue. (PAUSA - SÓ SE OUVE A TEMPESTADE)

JOVEM

E que foi feito dos outros, avô?

VELHO

Sucedeu o que tinha previsto Opanas. Este, durante muito tempo habitou o bosque; percorria os caminhos com outros rapazes e atacava os castelos senhoriais. Era o seu destino: os seus avós também tinham sido bandidos. Às vezes vinha a nossa casa, a esta mesma casita, especialmente quando Román não estava. Sentava-se num banco, pegava no alaúde e cantava-nos canções. Outras vezes vinha com os camaradas. Román e Oxana recebiam-no sempre muito bem. Para dizer toda a verdade, havia ali alguma coisa que não estava certa...

JOVEM

Porque é que dizes isso, avô?

VELHO

Daqui a pouco chegam Zajar e Máximo. Olha bem para eles, rapaz. Eu não te digo nada. Mas qualquer pessoa que tenha conhecido Román e Opanas, verá imediatamente com quem se parecem. Com Román não. E foi isto o que se passou neste sítio há tanto tempo... (OS RUÍDOS DO BOSQUE AUMENTAM) Ouves como se agita o bosque? A tempestade vem aí; anda por cima dele, não há dúvidas.

JOVEM

Não, não pode haver dúvidas... Confessa que já estás cansado, avô!

VELHO

Sim, sim, um pouco! Bem, o melhor é entrarmos em casa.

JOVEM

Se o queres...

VELHO

É melhor, é! A noite já desceu sobre a terra.

JOVEM

Sim, já quase não se vê o bosque que se agita como um mar ondulante. As copas das árvores parecem as ondas do mar durante uma borrasca. (UM CÃO LADRA)

VELHO

São eles! Não ouves o cão? Ele está a anunciar a chegada de Zajar e Máximo.

JOVEM

Com efeito, avô, Zajar e Máximo aproximam-se... seguidos de Motria que traz a vaca...

VELHO

Eh, a vaca também!... (GOLPE MUSICAL - UM TEMPO - AMBIENTE INTERIOR - TEMPESTADE NO EXTERIOR)

MOTRIA

O Zajar e o Máximo foram tratar dos animais e deixaram-no aqui sozinho...

JOVEM

Não faz mal, Motria! Aliás, estão a tratar também do meu cavalo que estava tão assustado...

MOTRIA

A ceia já está pronta... Logo que eles venham, comemos nós... É só pôr a mesa... (RUÍDO DE LOIÇAS) Também já tratei do velho. Foi um castigo para o fazer beber o caldo... (A TEMPESTADE VEM, POR MOMENTOS, A PRIMEIRO PLANO)

VELHO - DÉBILMENTE

Ouvem?... É o ruído do bosque...

MOTRIA

Dorme, velho, sossega!...

VELHO - NUM MURMÚRIO

Sim, é o ruído do bosque...

MOTRIA

Com que então o velho contou-lhe a história do avô de Zajar e Máximo?

JOVEM

Sim, contou-me a história do avô dos rapazes.

MOTRIA

Faz sempre o mesmo. Quando o bosque começa a agitar-se ele recorda o passado. Agora, não poderá dormir.

JOVEM

Pobre velho! O seu rosto tem uma expressão infantil...

MOTRIA - EMBEVECIDA

É como uma criança!... (A TEMPESTADE VEM, POR MOMENTOS, A PRIMEIRO PLANO)

JOVEM

A tempestade segue o seu curso... Dir-se-ia que os velhos pinheiros tramam entre si desprender-se da terra e voar com a tempestade, pelo espaço desconhecido.

VELHO - DÈBILMENTE

Oxana, minha querida! Quem é que geme no bosque?...

MOTRIA

É sempre a mesma coisa... Quando a tempestade ruge, chama por Oxana, que há muito tempo está no outro mundo.

VELHO - RESPONDENDO A SI PRÓPRIO

Não, não é nada. É a tempestade... É o ruído do bosque... Nada mais que o ruído do bosque...

MOTRIA

Dorme, velho, sossega!... (UM ENORME TROVÃO)

VELHO - NUM SOBRESSALTO

Oxana querida, quem é que está a dar tiros no bosque?... (NUM MURMÚRIO) Ah!... É o ruído do bosque!... É o ruído do bosque!... Oxana, minha querida!... (A TEMPESTADE, NO AUGO, VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - O RUÍDO DA ÁGUA QUE CAI ABUNDANTEMENTE, AFOGA OS RUÍDOS DO VENTO E OS GEMIDOS DOS PINHEIROS, SACUDIDOS PELA TORMENTA)

F I M

Lx. 19/11/975



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Miniteatro "Os Quindos do Bosphoro"* Referência } N.º/R.P.L.
 N.º S.P.P.

Episódio N.º
 Datas } da gravação 27 de Setembro de 1976 às 11,30 horas.
 da 1.ª emissão de de 19 Programa

Director artístico *Carmina Dolores*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Eduardo Jacques</i>	<i>José Velho</i>
<i>Assis Vasques</i>	<i>Fidalgo</i>	<i>J. Vasques</i>
<i>Varela Silva</i>	<i>José Gomes</i>
<i>Pomares</i>	<i>António Montez</i>	<i>José Gomes</i>
<i>Phanas</i>	<i>Mamecha Machado</i>	<i>Alfonso</i>
<i>Upana</i>	<i>Carlos Rosa</i>	<i>M. Machado</i>
<i>Prodan</i>	<i>Adelaide Faria</i>
<i>Matriza</i>		<i>Adelaide Faria</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 27 de Setembro de 1976